
Notas Bibliográficas

ZINK, Heidi und Jörg: *Kriegt ein Hund im Himmel Flügel?: religiöse Erziehung in den ersten sechs Lebensjahren*. Stuttgart / Zürich: Kreuz, 2003. 199 pp., 21,5 X 13,5 cm. ISBN 3-7831-2328-3.

O título é uma interrogação tirada do mundo de fantasia das crianças. O cachorro cria asas no céu? É um livro de catequese infantil, previsto para a idade de até 6 anos.

Os autores são um casal que tem quatro filhos e quatro netos. Ela é professora de música, e ele, autor de vários livros bem sucedidos no campo da fé e da vida cristã. Estão convencidos de que uma boa relação entre pais e filhos impregna a idéia de Deus na criança. E para ajudá-la no campo religioso eles oferecem esses subsídios, cheios de humor com alguns *cartoons*.

O livro tem uma história. Foi escrito a primeira vez quando os autores estavam na faixa dos 40 anos e tinham filhos pequenos. Mais de trinta anos depois, eles retomam o livro que tivera enorme êxito com uma vendagem de mais de 700 mil exemplares e percebem que os tempos tinham mudado e que o livro já não respondia às novas perguntas. Pediram que o editor suspendesse as edições. Eis que um telefonema de uma senhora protesta contra essa medida, reconhecendo que era um livro clássico e deveria permanecer em circulação. Os autores assumem então a tarefa de rescrevê-lo com a ajuda da pessoa que lhes dera o telefonema: Regina Groot-Bramel, mãe de quatro filhos e dois adotivos, pedagoga. Esta é a edição que veio à luz. Já no prefácio, o autor, agora na faixa dos 80 anos, indica os pontos que percebeu permanecerem os mesmos e os que os tempos trouxeram mudança. Em parágrafo seguinte, apresentam alguns dados autobiográficos, onde aparece a imensa diferença entre os dois no tocante à vida familiar. Jörg descreve uma experiência da infância de enorme profundidade na percepção da realidade na unidade de exterioridade e interioridade.

O primeiro capítulo se intitula: “No início está uma maravilha ou milagre”, já que a palavra alemã (*Wunder*) tem esse duplo sentido: nascimento, batismo, o início da educação religiosa. Há toques bonitos como quando fala da acolhida de um filho deficiente. Em seguida aborda uma série enorme de questões. Já os subtítulos oferecem uma idéia dos temas e da abordagem. Os pais e mães mudam. Toda educação – implícita ou explícita – tem conseqüências religiosas. As crianças têm direito de dizer NÃO, mas os pais também. Porque o casamento é importante. Muitos – pais ou mães – educam sozinhos, e o fazem bem. As conversas sobre Deus por meio de imagens. As crianças necessitam de informações corretas. Não ajuda nada minimizar perguntas difíceis. Deve-se tratar com cuidado os medos. Ir ao central da fé cristã: Jesus, o representante de Deus. O que é verdadeiro no coelho da páscoa e no menino Jesus? Os ritos infantis são importantes. E quando

morre alguém da família? As crianças rezam, não infantilmente, mas seriamente. Como se pode rezar com crianças de 2 a 4 anos? Dizer um Boa Noite de verdade. Treinar para a admiração e para o silêncio. Compreender a família vizinha de outra religião. A Bíblia é a fonte de nossa fé, uma mina inesgotável para a idade das estórias. De que estórias da Bíblia se apossar? A meta é formar uma pessoa livre, autônoma e sua capacidade de amar. Colocar limites, mostrar as conseqüências. Que é a consciência e como se comportar diante dela? Ninguém precisa ser perfeito, nem os pais. Como as crianças devem ser agradecidas. Desprender-se dos filhos e confiar.

O elenco e a formulação dos temas já mostram a sua pertinência e abertura de mente dos autores. Pais e professores aprendem muito do livro. Impressiona que ele tenha sido rescrito por um casal na faixa octogenária. Envelhece-se, fechando-se ou abrindo-se. Quando acontece o segundo, temos a maravilha da sabedoria unida à coragem e abertura. O livro reflete essa atitude.

João Batista Libanio SJ

KÜSTENMACHER, Marion / LOUIS, Hildegard: *Mystik für Kinder: Kreative Anregungen und Übungen für Kindergarten, Schule, Gottesdienst, Freizeit und Familie*. München: Kösel, 2004. 174 pp., 24 X 16,5 cm. ISBN 3-466-36664-X.

Num momento religioso exuberante, em que a palavra mística se tornou chave de compreensão e de exploração cultural, duas professoras, uma teóloga outra pedagoga, empreenderam a tarefa árdua de ajudar professores e pais na educação religiosa de suas crianças. Ambas mães de vários filhos com larga experiência na educação religiosa e na confecção de material nesse campo. Elas vêm ao encontro da famosa frase de K. Rahner, que é citada logo no prefácio: "O cristão do futuro ou será um místico, que experimentou algo, ou não será mais cristão".

Como frontispício, relatam uma fábula sobre os nomes de Deus, originada do Próximo Oriente, berço das três religiões mundiais. O 100º nome de Deus só se ouve na vastidão silenciosa do deserto. É a experiência mística.

A estrutura do livro é simples. No início dos 18 capítulos, há um texto de um grande místico. Os escolhidos foram: Thomas Merton, Teresa de Ávila, Francisco de Osuna, Gerhard Tersteegen, D. Rumi, Mestre Eckart, Hildegard von Bingen, M. Fox, Juliana von Norwich, J. Böhme, Marie Noel. A seleção contempla autores clássicos de séculos passados e alguns atuais. Há outros autores citados no correr do texto.

O adjetivo que atravessa a introdução e as três partes do livro é "aberto": "coração aberto, momento aberto, mistério aberto e caminho aberto". A pretensão do livro é abrir o acesso à mística a crianças na idade escolar e até antes. A experiência de Deus não se deixa fazer. Ela acontece, como dom. Mas podem-se colocar caminhos para que esse encontro aconteça: preparar o espaço do silêncio, educar para voltar-se para a própria interioridade, familiarizar-se com a linguagem dos sinais e símbolos, portadora do inefável.

O texto está repleto de historinhas a partir de onde faz as considerações. Mística é de si para todos, também para crianças. É algo concreto e não vago nem nebuloso;

rompe nossas auto-seguranças e é orientada para crescer; não é alheia ao mundo, mas mergulhada no cotidiano; leva o místico a ser compassivo, amoroso, poético, imaginativo, musical, político e social, compassivo e consolador, integrador e conciliador, orientado cosmicamente. Assim as AA. assumem um conceito amplo de mística. Apõem, em seguida algumas orientações pedagógicas para o trabalho as quais, no fundo, se resumem por parte do pedagogo na autenticidade de sua experiência e em relação à criança na ousadia de confiar em sua capacidade mística.

Cada capítulo foi construído sobre quatro princípios:

1. Depois do texto místico, em geral, fiel ao original, começa-se com uma introdução: Porta como símbolo.
2. Conecta-se, em seguida, o texto com histórias: Livro como símbolo.
3. Seguem-se exercícios práticos e sugestões para experimentar algo concreto: Mão como símbolo.
4. Canções, orações, textos de sabedoria de diferentes tradições religiosas fecham com o momento meditativo: Vela como símbolo.

A metodologia é criativa. Em cada lição indica-se uma coisa bem concreta com um desenho e com um título expressivo. Assim, p. ex., uma citação de Santa Teresa tem o título: as abelhas com duas abelhinhas desenhadas. Deixar os pensamentos aquietarem-se ou para um texto do Mestre Eckart com o título: Em cada um esculpir a obra de Deus e mostra um escultor talhando uma pedra/toco. As imagens correspondem ao sentido principal do texto.

Aprende-se muito como tratar tema tão relevante, delicado e desafiante. Para nosso contexto, ele serve mais como inspiração do que como guia escrito, já que deveria passar por uma “inculturação” nos exemplos, histórias, textos, canções.

João Batista Libanio SJ

CHABERT, Joëlle / MOURVILLIER, François: *Parler de Dieu avec les enfants du XXI^e siècle*. Paris: Bayard, 2004. 335 pp., 20,5 X 12 cm. ISBN 2-227-47416-5.

As perguntas são simples, mas não banais. Vêm de crianças que estão bem próximas do mistério. Os adultos complicam-se para respondê-las. Necessitam de ajuda. Para isso está esse livro. Os autores são uma jornalista, especializada na imprensa jovem e adulta, e um sacerdote, teólogo, afeito às lides da pedagogia religiosa, além de ser vigário episcopal da Diocese de Saint-Étienne e encarregado das relações ecumênicas e inter-religiosas. Ambos estão credenciados para desempenhar essa tarefa. O livro remonta à primeira edição em 1990. As novidades que a última década trouxe em tantos campos levaram os autores a uma nova edição completamente remodelada.

Eles pensaram nas questões que as crianças de 5 a 12 anos levantam, tanto as que vivem numa família cristã ou não, tanto as catequizadas ou não. Não se trata de um livro para ser lido de um fio, mas para ser consultado. Os capítulos são apresentados em duas partes. A primeira trata das grandes questões religiosas que brotam seja

do descobrimento progressivo da vida humana e do universo como da experiência crescente da consciência pessoal. A segunda parte trata de questões que nascem do encontro com os sinais visíveis das diversas formas de vida religiosa dos fiéis.

O livro se dirige aos adultos que querem responder honestamente às perguntas das crianças. Toca a cada um reelaborar a resposta conforme a situação concreta da criança e conforme sua própria sensibilidade e experiência religiosa. As crianças necessitam de respostas simples, breves, progressivas, de si completas segundo a condição de quem pergunta. Os capítulos são relativamente longos, porque as perguntas das crianças não são triviais. Cabe perceber o alcance da questão para a criança naquele momento. Isso pede considerações psicológicas. Acontece que muitos adultos terminam abafando perguntas fundamentais que a vida lhes levanta, porque têm a sensação de que suas questões da infância não receberam respostas sérias. A resposta necessita ser, de um lado, de acordo com a fé comum do cristão, mas, de outro, respeitar as outras religiões. Implica um mínimo conhecimento delas. Daí certos contornos nas respostas.

Para despertar o interesse do leitor, indicarei algumas das principais perguntas que os autores respondem. Na primeira parte, trata-se de falar mais de Deus, e a partir dele dos que crêem nele. São dez capítulos nos quais têm a palavra os que crêem. Uma primeira pergunta abarca diversas formulações: Quem é Deus? Deus existe verdadeiramente? Quem inventou Deus? Onde o encontramos? Como se faz para que eu creia em Deus?

Um segundo conjunto diz respeito à vida: donde ela vem? Se os pais fazem as crianças e se podemos clonar os animais, por que dizemos que Deus é criador? Por que há meninos e meninas? Se Deus fez tudo, quem fez Deus? Que havia antes de Deus? A título de testemunho, uma criança de 9 anos me fez exatamente a pergunta: Quem fez Deus?

Um terceiro bloco: Todos têm o mesmo Deus? Se não o têm, qual é o verdadeiro? Como se escolhe o próprio Deus? Alá é um outro Deus? Tem-se razão de ter escolhido Jesus? É obrigatório ter um Deus?

Elas continuam tratando do mistério da Trindade, do valor das pessoas diante de Deus, da onipotência de Deus, do problema do mal, do demônio, de Deus e do juízo em relação com o inferno, de Deus e a ressurreição.

Na 2ª parte, fala-se mais diretamente dos que crêem e a partir deles de Deus. Começa com a diferença na ortografia de Igreja (maiúscula singular), Igrejas (maiúscula plural) e igrejas (minúscula). Depois a relação com a oração, o batismo das crianças, a eucaristia, o amor ao irmão, a ressurreição dos mortos, os santos, os Livros Sagrados, as pessoas consagradas (sacerdotes, freiras e suas respectivas vidas de celibato e clausura), dia santo.

Por esses exemplos e temas, o leitor já tem uma idéia da natureza do livro. Parecem perguntas simples. Mas não é fácil dar uma resposta inteligente, veraz, direta e acessível às crianças.

Nas respostas os autores procuram oferecer bons subsídios com reflexões simples e até certo ponto esperadas. Não se percebe nenhum toque especial de criatividade, mas são elementos úteis para educadores desprovidos de preparação e subsídios.

João Batista Libanio SJ

GUIJARRO OPORTO, Santiago. *Dichos primitivos de Jesus: una introducción al "Proto-evangelio de dichos Q"*. Salamanca: Sígueme, 2004. 129 pp., 19 x 12cm. Biblioteca de Estudios Bíblicos Minor, 6. ISBN 84-301-1527-7.

Santiago Guijarro, padre operário e professor na Universidade Pontifícia de Salamanca, que dirigiu a conhecida tradução da Casa de la Biblia (1992), nos brinda com uma clara e concisa introdução ao documento de ditos de Jesus subjacente aos evangelhos de Mateus e Lucas, conhecido como "Q" (do alemão *Quelle*, "Fonte"). Esta obra vem em boa hora, pois o assunto que por volta de 1850 entrou nos gabinetes dos especialistas ultimamente está aparecendo em revistas de fim-de-semana.

Há quem pense que o "Documento Q" seja algo como os documentos do Mar Morto. Nada disso. Q não estava enterrado nas grutas, mas no texto de Mt e Lc, como explica o primeiro capítulo, dedicado à descoberta de Q como coleção de *logions* no quadro da teoria das duas fontes sinópticas (Mc e Q). O interesse por Q como documento estruturado cresceu consideravelmente nos últimos decênios, em consequência da análise redacional dos evangelhos. Pois quem descobre uma estrutura literário-teológica em Mt, Mc e Lc pode tentar a mesma coisa com Q. Assim, a "Fonte Q" virou "Documento Q", documento com "personalidade" própria (p. 17). Nos últimos anos ganhou edição científico-crítica como qualquer documento da Antiguidade. Mas, como se percebe no título deste livro, Guijarro vai um passo mais além: chama-o de "Proto-evangelho".

A reconstituição de Q a partir de Mt e Lc é possível porque, graças à análise do modo como transformaram o evangelho de Mc (a *Redaktionsgeschichte*), se conhecem os métodos destes autores. No cap. 2, então, G. expõe como era o Documento Q: um documento em grego, cuja ordem se aproximava da que se reconhece em Lc (que é também mais fiel em reproduzir a ordem de Mc). Divisa-se com clareza uma linha que vai do início (os ditos de João Batista), passando pelo anúncio do Reino por Jesus, até o fim, centrado no juízo. Assim, G. pode descrever no cap. 3 a estrutura e o conteúdo do documento. O cap. 4 trata da composição e do gênero literário (sapiencial-profético-escatológico), o cap. 5 do contexto vital (*Sitz-im-Leben*). O círculo geográfico interno é a Baixa Galiléia: Cafarnaum, Corazin, Betsaida. O segundo círculo é Tiro, Sídon e Jerusalém. O terceiro é simbólico: Nínive e Gomorra. Se o centro de Q foi a Baixa Galiléia, sua composição deve ser anterior a 65 d.C., quando deflagrou a guerra judaica (G. conjetura 40-60 d.C.). Isso pode explicar o fato de que o documento não contém alusões anti-romanas: é anterior à guerra contra o Império. O cenário sociológico é "o grupo de Q" (p. 65), aparentemente não fortemente organizado, mas consciente de não pertencer a "esta geração". Mui instrutivamente, G. passa em revista as hipóteses de Theissen (missionários itinerantes), Vaage e Mack (filósofos cínicos), Horsley (renovação da Aliança) e Kloppenborg (escribas e grupos locais).

No cap. 6, "o Documento Q e Jesus", G. observa que o estudo do Jesus histórico se interessou por Q na "terceira onda", que privilegia as coordenadas socioculturais: "ha sido una situación muy cercana de Jesús, tanto desde el punto de vista temporal como cultural" (p. 75). Mas, no documento, Jesus é um personagem literário. Como Mc, Q não tinha interesse biográfico, mas evocava Jesus entre sua vinda nos dias de João e sua nova vinda como Filho do Homem com poder. O

retrato de Jesus como terapeuta e pregador “contracultural” coincide em parte com o de Mc. Mas enquanto Mc insiste nos apóstolos, no sofrimento, morte e ressurreição de Jesus e no segredo messiânico, Q insiste nas suas palavras sapienciais e escatológicas e na “paternidade” de Deus. Q (como Tiago, com o qual tem muito em comum) não parece conhecer a forma paulina e marcana do querigma articulado em torno da morte e ressurreição.

Q parece ser o elo perdido entre Jesus e a segunda geração de discípulos (Mc, Paulo). Seu querigma não é o de Jesus morto e ressuscitado, mas a própria pregação escatológica de Jesus, reinterpretada. Por isso, não apela a autoridade apostólica nenhuma, mas a Jesus mesmo. Criou o gênero literário de encadeamentos temáticos de palavras de Jesus, mas com um quadro biográfico mais pronunciado que, por exemplo, no evangelho apócrifo de Tomé e, por isso, mais protegido contra a apropriação gnóstica (pp. 93-95).

Em anexo, a reconstituição de Q. Um livro que merece tradução brasileira.

Johan Konings SJ

SCHOTTROFF, Luise: *Die Gleichnisse Jesu*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2004. 307 pp., 21 X 14 cm. ISBN3-579-05200-4.

Luise Schottroff, conhecida como “bultmanniana de esquerda”, aplica a análise sócio-histórica às parábolas de Jesus. Para compreender seu método, deve-se considerar as parábolas “escandalosas”, por exemplo, a do administrador fraudulento. Na exegese “sensata” do século XX, tipo Joaquim Jeremias etc., explica-se que a imagem é narrada conforme seus traços próprios, mas esses não podem ser alegoricamente aplicados à realidade que a parábola quer evocar. Só a “ponta”, o cume da parábola é que ilumina a mensagem. Assim, Jesus não coloca a desonestidade do administrador como exemplo, mas sua previdência, pensa no futuro, assim como o discípulo de Jesus deve fazer em vista da escatologia. Ora, L.S. pensa que a parte da imagem é, muitas vezes, um espelho da realidade histórica e que as parábolas dizem respeito ao que está acontecendo em redor de Jesus e de sua gente. Na parábola de Lc 16,1-13, um administrador realmente defrauda seu senhor (e não apenas desconta um juro usurário, como alguns exegetas “bonzinhos” querem desculpar), para depois de sua demissão encontrar quem o acolha. Os números apontam para o comércio atacadista no Império Romano. Em Lc 16,8, “o senhor” elogia o “administrador de injustiça”. Conforme L.S., este “senhor” é o próprio Jesus, que opõe dois sistemas: o deste mundo e o dos filhos da luz. Ambos são atuais, embora pertencendo a dois âmbitos diferentes. Os filhos da luz deveriam ser tão generosos entre si no que diz respeito às dívidas quanto os filhos deste mundo. Por isso Lc 16,8-13 pronuncia uma crítica radical da economia monetária.

Outro exemplo, mais desnorteador, é o da parábola dos talentos, Mt 25,14-30. O terceiro escravo, que escondeu o dinheiro, é o que agiu segundo o espírito do Sermão da Montanha, não ganhou juros usurários para o “rei” que ele acusa de ser um homem difícil, que recolhe o que não semeou e reúne onde não espalhou – um bandido, portanto. O terceiro escravo, o único justo, é jogado na masmorra

para morrer de fome, mas a continuação do texto mostra que, assim, ele pertence àqueles com os quais o Filho do Homem, no juízo, se identifica (Mt 25,40).

Embora aproveite as análises de outros autores, a síntese de L.S. é bastante inovadora. Em muitos casos, contradiz frontalmente as interpretações corriqueiras, sobretudo as “eclesiológicas”, nas quais, desde o agressivo S. João Crisóstomo até os bem-comportados exegetas alemães da metade do século XX, transparece o antijudaísmo. Quanto à interpretação escatológica, L.S., dando densidade histórica à “escatologia presente” de seu mestre Bultmann, não a situa no quadro da demora da parusia, mas na já inaugurada práxis do Reino na comunidade de Jesus. Na parábola de Mt 25,1-13, as moças insensatas não são excluídas da salvação, mas, com realismo sócio-histórico, de uma festa de casamento que funciona como passarela para “as mocinhas da cidade”; e a comunidade do Reino é quem deve acolher as excluídas...

Enfim, L.S., perspicaz como sempre, oferece alternativas interessantes para a explicação das parábolas, juntamente com relevante material judaico e não judaico dos primeiros séculos de nossa era. Mas creio que, militante como sempre, exagerou na dose.

Johan Konings SJ

DOMÍNGUEZ MORANO, Carlos: *Experiencia cristiana y psicoanálisis*. Santander: Sal Terrae, 2006. 256 pp., 21,5 X 14,5 cm. Col. Presencia teológica, 147. ISBN 84-293-1638-8.

Nascido em Huelva, na Espanha, em 1946, o padre Carlos Domínguez Morano é membro da Companhia de Jesus e professor de Psicologia Geral e de Psicologia da Religião na Faculdade de Teologia de Granada. Autor fecundo, há mais de três décadas, ele tem publicado artigos e livros sobre a candente relação entre a psicanálise e o fenômeno religioso. Em 1991, por exemplo, publicou a sua tese de doutorado, *El psicoanálisis freudiano de la religión*, o mais completo estudo sobre a crítica desferida por Freud contra a crença religiosa. E, no ano seguinte, foi lançada a sua tese de livre docência, *Creer después de Freud*, traduzida para o português em 2003 pelas Edições Loyola. Hoje, Domínguez Morano é, sem dúvida, um dos mais respeitados artífices do diálogo – interminável, na sua opinião – entre a psicanálise e a religião. O seu mais recente lançamento é a obra *Experiencia cristiana y psicoanálisis*, de 2006, livro que recolhe uma série de textos publicados anteriormente como artigos em lugares e ocasiões diversas.

Segundo Andrés Torres Queiruga, a psicanálise constitui-se na “revolução pendente” da teologia. Ao aceitar os desafios postos por Galileu, Darwin e Marx, a teologia já teria realizado, em grande medida, as revoluções científica e sociológica, restando-lhe, agora, enfrentar com valentia as questões suscitadas para o dogma e a moral pela psicanálise. Contribuir para essa revolução, isto é, para a construção de uma teologia “pós-freudiana”, eis o valor do trabalho de Domínguez Morano.

Em *Experiencia cristiana y psicoanálisis*, ele aborda uma série de questões levantadas pelo pensamento freudiano para a fé cristã. O papel das figuras materna e paterna na geração da imagem que o homem faz de Deus, a concepção da morte de Jesus

enquanto sacrifício expiatório oferecido ao Pai, a celebração da eucaristia enquanto atualização desse mesmo sacrifício, as fantasias inconscientes que estão por trás da devoção mariana, a invasão da experiência cristã pelo sentimento de culpa, a rigidez da moral sexual da Igreja, o exercício da autoridade e do poder por parte da hierarquia eclesial, a ambivalência da experiência religiosa, as patologias que caracterizam essa mesma experiência, a identidade religiosa dos místicos e dos profetas, a relação entre a fé e o mundo dos desejos, a religião como defesa contra a angústia, o processo de amadurecimento da fé cristã etc. – eis alguns dos temas que o autor examina munido do “bisturi” freudiano. Teologia Fundamental, Cristologia, Soteriologia, Eucaristia, Mariologia, Teologia Moral, Ética da Sexualidade, Ecclesiology, Espiritualidade etc. – eis algumas das disciplinas teológicas repassadas pelo autor com a corrosividade que caracteriza o discurso psicanalítico. Sem abrir mão dessa virulência, o livro de Domínguez Morano tem o mérito de não recuar diante da psicanálise, de dialogar com ela. E isso, ele o faz sem cair na tentação do concordismo fácil, consciente dos limites epistemológicos da psicanálise e com um rigor conceitual e uma clareza expositiva admiráveis.

Em 25 de janeiro de 2006, Bento XVI publicou a sua primeira encíclica, intitulada *Deus caritas est*. Nesta, o papa alemão faz referências diretas ao pensamento de Nietzsche e de Marx. Implicitamente, porém, por intermédio do *eros* platônico, Ratzinger refere-se também a Freud. Foi a primeira vez que um documento do magistério pontifício entrou em diálogo com aqueles que receberam de Paul Ricoeur o título de “mestres da suspeita”. Levar adiante esse diálogo corajosamente e sem simplificações, eis o valor do livro de Domínguez Morano.

Ricardo Torri de Araújo SJ